

Psicanálise e a angústia da pandemia: a linguagem - o sintoma - a repetição

Psychoanalysis and the pandemic anguish: the language - the symptom - the repetition

Maria Cristina de Távora Sparano*

Resumo: Este artigo trata o tema da pandemia da Covid 19 na perspectiva da psicanálise lacaniana nos seus três registros: simbólico, real e imaginário. Para fins de transmissão usaremos a topologia e referências aos matemas através da lógica da psicanálise.

Palavras-chaves: Pandemia; Vírus; Simbólico; Real; Imaginário

Abstract: This paper focuses on the Covid 19 pandemic based upon the Lacanian psychoanalysis threefold perspective: real, symbolic and imaginary. Aiming at a more precise circumscription we shall use the topology and references regarding the matemas by means of the psychoanalysis logic.

Key words: Pandemic; Virus; Real; Symbolic; Imaginary

“O dizer de Freud infere-se da lógica que toma como fonte o dito do inconsciente. [...] Restituir esse dizer é necessário para o discurso constituir-se da análise, a partir da experiência em que confirma-se a existência dele”.

A Angústia na descrição da pandemia

A contribuição da Psicanálise para a análise de diversos problemas que vão além de seu objeto: o inconsciente, mas que também o incluem, é inegável. A contribuição de Freud às diversas ciências inclusive as sociais, assim como o discurso de Lacan retomando Freud pelo viés da linguagem, do corpo e da satisfação pulsional podem fornecer modelos de análise para diversos temas atuais. Nosso apoio será o Seminário da Angústia, por ser ele a matriz do tema que atualmente nos envolve - a angústia diante de algo desconhecido e inevitável. Sobre essas bases introduziremos a relação da Psicanálise com a atual Pandemia do Corona vírus – Covid 19.

¹ LACAN, *Outros escritos*, 453-454

* Professora de Filosofia da Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI. E-mail: cris-sparano@ufpi.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5922-1591>

Começaremos examinando a questão pelo seu aspecto cognitivo comportamental. Nosso trabalho consiste em conhecer o comportamento do vírus em relação ao que ele afeta, nossos corpos e a nós enquanto sujeitos do vírus. Nossa análise não é científica, já que a comunidade científica específica, geneticistas, biólogos, infectologistas, epidemiologistas a ela se dedicam com o aval da mais alta instituição, a OMS, responsável pela saúde dos povos.

Desse modo, trataremos e a questão do vírus a partir da psicanálise e dos três registros: simbólico, imaginário e real.

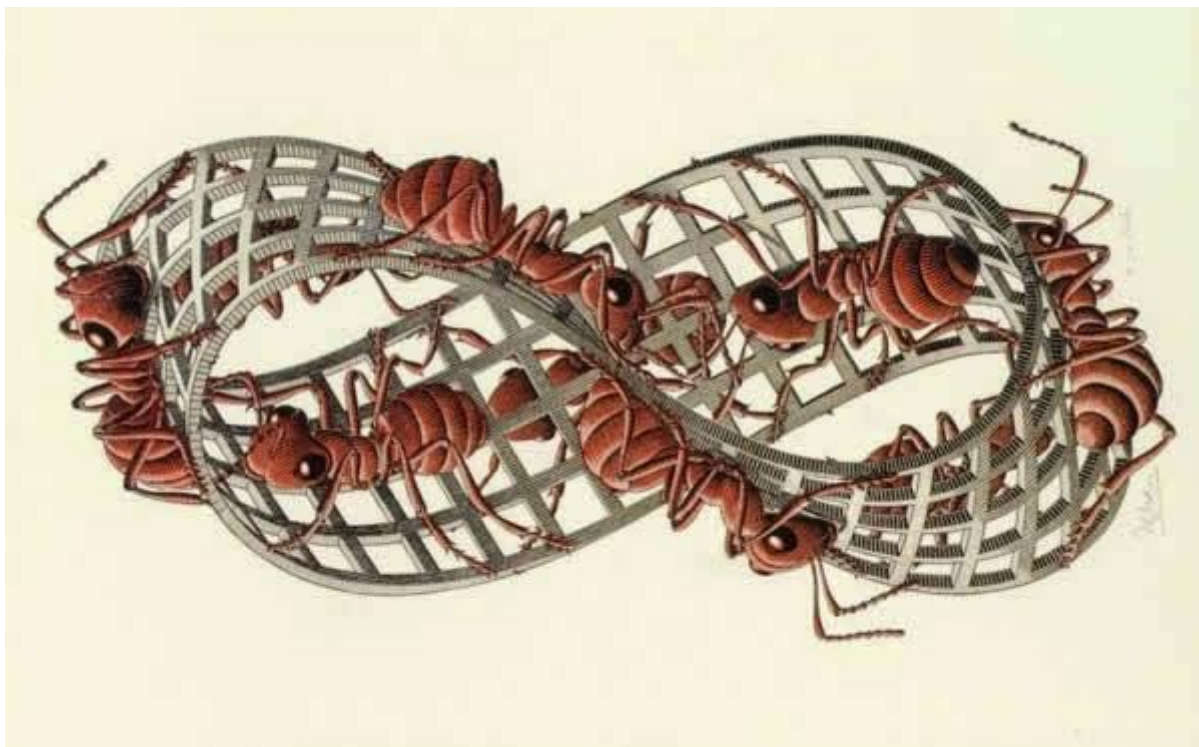
Os três registros são indissociáveis, um não se mantém sem o outro estão enodados como no nó borromeano que não será objeto de nosso discurso, mas de qualquer forma alude ao fato que se um elemento for cortado, todos os outros elementos se desligam. Desses três registros, o simbólico é a porta de entrada para a compreensão do real do vírus: parasitas intracelulares capazes de infectar seres vivos.

Para fins de transmissão da psicanálise por volta dos anos 70, Lacan nos oferece matemas, escritas algébricas como o nó borromeano, as fórmulas da sexuação e outros, que em termos estruturais facilitaram aquilo que parecia incompreensível na psicanálise. Esse também é o caso da topologia, estudo dos espaços e suas propriedades sendo o objeto da topologia a noção de espaço e suas relações. Não se trata aqui de estudo a partir da geometria euclidiana nem do cálculo do deslocamento dos objetos no espaço. Queremos com as referências topológicas examinar o deslocamento do vírus que culmina numa epidemia e mais além, numa pandemia.

Lacan propõe não só uma reflexão sobre a topologia, mas, sobretudo, que manipulemos os objetos topológicos. Sua aposta é a que, manipulando esses objetos, "realizando sua topologia", como ele mesmo diz, façamos uma nova experiência: a experiência de romper com nossa intuição espacial imediata. Uma intuição viciada, comprometida com os preconceitos do senso comum que nos faz acreditar que pão é pão, queijo é queijo, dentro é dentro e fora é fora e que um não se transforma no outro. E, mais importante, ao fazermos esta nova experiência, aprendemos a suspeitar das evidências, a desconfiar do óbvio, ficamos advertidos de que as possibilidades do real ultrapassam, em muito, os nossos velhos preconceitos.

No seminário RSI de 1975, Lacan afirma que o espaço em si não encerra uma terceira dimensão, a da profundidade. Nossa questão então é circunscrever o espaço do vírus num antes e num depois, um na frente, um atrás, movimentos do tempo no espaço. Isso evoca no caso específico dessa epidemia, o que chamamos de "isolamento social" que visa avaliar e retardar o movimento das pessoas no espaço social e a propagação do vírus.

Nossa análise comporta um contexto de engajamento, uma ligação entre os fatos da epidemia e uma metáfora topológica: a da formiga que percorre uma fita, a banda de Moebius, numa imagem, criada por M. C. Escher (1963) e retomada por Lacan no *Seminário da Angústia*.



É através da topologia que Lacan nos introduz naquilo que chamou de real. Ela nos mostra no exemplo da banda de Moebius um paradoxo: um limite sem fronteiras. A topologia nos inscreve na estrutura da linguagem, com ela podemos “dizer” do movimento no espaço – da repetição, da regressão infinita o que está estruturalmente presente no movimento da formiga no espaço da banda, um caminho sem volta ou melhor, do real que sempre volta com a presença da morte como vemos na circulação das ambulâncias para os hospitais e no retorno dos carros das funerárias para os cemitérios.

Ao nos valermos da topologia e da noção de espaço representado na banda de Moebius, o tempo de espera, vale dizer a quarentena, está na dimensão do espaço considerado como um plano, numa dimensão limitada pelo seu contorno. Percorreremos a banda como formiguinhas, o que comporta o risco do nosso cotidiano que, materializado na banda e que escapando à nossa percepção, o retorno, se houver... se dá pelo avesso da banda e assim de volta em volta voltamos sempre ao mesmo lugar.

“Aquilo de que falamos aqui, por exemplo, é algo real. Aquilo ao redor de que gira meu discurso, quando tento novamente tornar presente para vocês esse ponto decisivo de que, no entanto, sempre nos esquecemos, não apenas em nossa teoria, mas em nossa prática da experiência analítica, é uma privação, que se manifesta tanto na teoria quanto na prática. Essa privação é real e, como tal, pode ser reduzida, mas será que basta, para anulá-la, circunscrevê-la cientificamente, quando conseguirmos fazê-lo?”²

² LACAN, *Seminário, livro 10: a angústia*, 150.

Então, o universo imaginário se enoda quando, segundo Lacan no mesmo Seminário:

“O inseto que passeia na superfície da banda de Moebius, (nosso corpo que carrega o vírus), caso tenha a representação do que é uma superfície, pode acreditar, a todo instante, que existe uma superfície que ele não explorou, a que está sempre no avesso daquela em que ele passeia. Ele pode acreditar nesse avesso, embora este não exista, como vocês sabem. Sem que o saiba, ele explora a única face que existe, e, no entanto, a cada momento, há realmente um avesso”³.

“Uma formiga que caminhe por ela passa de uma das faces aparentes para a outra sem ter necessidade de passar pela borda. Em outras palavras, a banda de Moebius é uma superfície de uma única face, e uma superfície de uma única face não pode ser virada. Se você virá-la sobre si mesma, ela será sempre idêntica a si mesma. É a isso que chamo não ter imagem especular”⁴.

“A imagem especular torna-se a imagem estranha e invasiva do duplo. Foi o que aconteceu, pouco a pouco, no fim da vida de Maupassant, quando ele começou por não mais se ver no espelho, ou então percebia num cômodo alguma coisa, um fantasma, que lhe virava as costas e que ele sabia imediatamente que não deixava de ter certa relação com ele, e, quando o fantasma se virava, o escritor via que era ele”⁵.

O vírus e a quarentena trazem a indocilidade da circulação que tem como consequência o contágio. Não havendo separação entre o vírus e ser humano que o transporta, nem subjetiva, nem física a consequência é a morte. Esse movimento alienado na sociedade dos falantes leva a produção de uma resposta inscrita num cálculo coletivo cuja saída visa barrar a morte. A estratégia é estar atento ao tempo dos outros, que nessa circulação não pode ser frustrado, embora muitas vezes seja frustrado pelas nossas imagens e paixões, como a não observância dos limites de contato pessoal, o descaso conosco mesmos e com os outros.

Gostaria de acrescentar algo a esse real no cerne da imagem com relação àquilo que diz respeito ao corpo. Lacan faz notar que essa imagem está no plano. É isso que autoriza o olhar, o imaginário diz respeito a um corpo plano. A saída do plano deve ser considerada como que se efetuando um furo na imagem. É um real cuja ordem da linguagem não sabe o que fazer mas com a qual ele terá de se virar:

³ LACAN, *Seminário, livro 10: a angústia*, 152.

⁴ LACAN, *Seminário, livro 10: a angústia*, 109.

⁵ LACAN, *Seminário, livro 10: a angústia*, 112.

“Esse real de que estou falando, o discurso analítico é a conta certa para nos lembrar que o acesso a ele é o simbólico. Não acessamos o referido real senão no e através do impossível que somente o simbólico define. [...] A perspectiva que interroga o real em certa direção ordena-nos a enunciar as coisas dessa maneira”⁶.

E, Lacan no rastro da banda de Moebius diz:

“O que lhe falta, para perceber que passou para o lado avesso, é aquela pecinha que um dia materializei, construí, para colocar na mão de vocês, (...) essa pecinha faltante e uma espécie de curto-circuito, que levaria pelo caminho mais curto para o avesso do ponto em que ele estava no instante anterior, o corte longitudinal paralelo às bordas. Essa pecinha faltante, o a, (objeto a) no caso, será que seu problema ficará resolvido pela falta de descrevermos desta forma paradigmática? Absolutamente não, porque é a falta dela que produz toda a realidade do mundo em que o inseto passeia. O pequeno oito interno é efetivamente irreduzível”⁷.

Ao invés de definir o sujeito, a banda de Moebius irá mostrá-lo. Para mostrá-lo, teremos que cortá-la medianamente e o resultado será outro corpo, não mais uma banda, mas uma fita mais estreita e longa. No ato de cortar, divide-se a banda longitudinalmente e fende-se o sujeito em dois, nele mesmo e num outro que lhe representa que não é mais nenhum e nem outro. Foi-se o espaço da formiguinha orientada em dois sentidos apenas. É nesse momento que surge a possibilidade do dizer do sujeito, sua palavra, negociando o contrato social.

Podemos fazer esse corte na direção da ciência, aplicada à novas descobertas, vacinas e medicamentos e para nós na direção de medidas profiláticas, que não garantem, mas instauram uma lógica no combate à pandemia, livrando-nos da repetição e aplacando a indocilidade do vírus.

A Linguagem, o Sintoma e a Repetição

Numa conferência na *Yale University* em novembro de 1975, Lacan refere-se a Chomsky e de sua contribuição ao que chama “estrutura gramatical”. Isso diz respeito ao dizer, ao saber e à crença, isto é, imaginamos o que pensamos e imaginamos o que cremos e colocamos isso em palavras, versos, histórias e epopeias, nossa estrutura de palavra tem como base uma relação imaginária. Lacan diz que descobriu como emerge a palavra na sua prática, falando aos loucos. Com ela descobre também a emergência do inconsciente, uma espécie de saber ligado à linguagem que como sabemos, é social.

⁶ LACAN, *Seminário, livro 19: ...ou pior*, 136.

⁷ LACAN, *Seminário, livro 10: a angústia*, 152.

Quando ocorre uma ferida na sociedade essa ferida é um sintoma social. E isso é um momento histórico que se abre na sociedade como uma fenda... esse é todo nosso problema: a dimensão social da pandemia à luz da psicanálise. Para Lacan, o único sintoma é o do retorno do Real no campo social.

Diferentemente das artes médicas que trata o sintoma como um signo dotado de sentido, o sintoma, como nos ensina Freud pode ser expressão do recalco ou defesa do sujeito diante de um trauma. Porém, para Lacan a partir da teoria do Real, Simbólico e Imaginário (RSI) o sintoma tem uma estrutura significante: trata-se de uma metáfora a ser decifrada que nos diz da verdade do sujeito, enquanto representa um significante para outro significante.

Com a teoria dos quatro discursos (do mestre, da universidade, do analista e da histórica) encontramos a formalização do laço social e sua articulação significante. Só podemos entender o sintoma quando atrelado aos discursos e a relação do sujeito à palavra. Mas o sintoma social está amarrado ao discurso capitalista, um discurso que foi acrescentado aos quatro primeiros. Este discurso é o substituto do discurso do Mestre, e pelo fato de que há linguagem, funciona, mas com uma ressalva, (Conferência da Universidade de Milão, Lacan 1972): "... agora é tarde, a crise do discurso capitalista está aberta.". Ele queria dizer com isso que arquetipos com as consequências do sintoma social, suas características e funções apresentadas nesse discurso. "Agora vocês estão embarcados, há poucas chances de que algo aconteça de sério na corrente do discurso analítico, salvo assim, ao acaso. "

Tomemos o exemplo de Zizek, no texto "Como Marx inventou o sintoma", para entendermos o processo do capitalismo como sintoma social: "Uma moeda traz estampada em seu corpo a injunção de que deve servir como meio de troca, e não como objeto de uso. Seu peso e pureza metálica são garantidos pela autoridade emitente, de modo que, quando ela perde peso visivelmente é mera portadora de sua função social"⁸. Além da degradação do corpo da moeda usado na troca, há um outro corpo dentro do corpo - um corpo sutil, mas com autoridade simbólica.

O sintoma enquanto social tem uma relação ao outro e ao gozo que se estabelece nessa relação de trocas simbólicas, sob a forma de trabalho. No capitalismo, o trabalho tornou-se uma mercadoria como qualquer outra, que deve ser comprada ou trocada segundo as regras do mercado de trabalho. Esse processo produzirá mais-valia, o excedente, que no processo capitalista será reinvestido para aumentar a produtividade, sua meta. Tudo é contado e capitalizado.

O sujeito renuncia ao gozo porque não tem tempo de gozar, usufruir de seu trabalho, busca com isso, substitutos, objetos e objetos, repetindo a operação. Nessa

⁸ SOHN-RETHEL, A. apud ZIZEK, S. *Como Marx inventou o sintoma?* p. 304.

economia do gozo, a repetição e a pulsão de morte estão aí presentificadas em busca do objeto perdido, motivo da satisfação que se almeja recuperar.

A lógica desse discurso é esclarecedora já que concebemos o real como aquilo que "sempre retorna ao mesmo lugar", neste caso, ele serve para designar o limite histórico do capitalismo; o limite do capital é o próprio capital ao modo de produção capitalista. Lacan chama de objeto "a" - o resto do real que escapa à simbolização - o mais de gozo, um resto, correlato da mais valia. O marxismo denuncia e condena a mais-valia, o excedente da produção que não volta para o trabalhador. Mas não basta denunciar essa verdade pois ela está mascarada pela armadilha do discurso capitalista que se esgota nele mesmo.

Retomemos Lacan com a repetição e a imagem da banda de Moebius. Para Kierkgaard, a repetição é um impasse onde o sujeito espera se reencontrar no mesmo, na imobilidade daquilo que se move e passa. O sujeito é um "*reprenant*", na imobilidade daquilo que passa.

O *insight* psicanalítico que permite falar disso é a percepção do contínuo nas duas direções, a repetição, como a formiga na banda de Moebius, o ir e vir. O que a epidemia, a história do vírus, tem em comum é o ser humano que a comporta. A pandemia é social e toca o real na sua origem. E dizer que tudo isso aconteceu "ao acaso", um encontro com o real num mercado de peixes de um país comunista.

O que a psicanálise pode fazer é se colocar como um entrave, como um laço social inédito e trabalhar com seus múltiplos significantes. E a pandemia propiciou isso para ir além do retorno da formiga na banda. A psicanálise também é uma epidemia e contagiosa, porque faz história como a história da formiga na banda, a história da epidemia. A história é simbólica porque relata os acontecimentos pela escrita; "um simbólico que liga o real pela escrita" diz Lacan. Os elementos imaginários entram na história como reconstruções escritas.

O real da ciência enquanto trata a Covid - 19 é matematizável em todos os seus campos, comporta letras e símbolos matemáticos e sabemos que há um mundo entre a palavra e a letra. Na ciência com o elemento matematizável, temos uma ruptura tomada como emergência e ruptura radical no discurso da história. Assim, ela torna-se um evento histórico que se propaga e que influencia a concepção do que chamamos universo. E de significante em significante, com todas suas combinações, admitem-se significações possíveis, como cura, tratamento, condições sanitárias e políticas públicas.

Mas a pergunta que ainda insiste é - O que fazer além do sanitário, político, social e econômico para suportar toda essa angústia? E a resposta poderia ser: dar sentido à vida, como um conjunto de forças que resiste, sem cair na arrogância de desafiar a morte...

Referências

- KIERKEGAARD, S. Repetition. In: Hong, H. V.; Hong, E. H. (Orgs.). *The essential Kierkegaard*. Princeton: Princeton University Press., 2000.
- LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. (Coleção Campo freudiano no Brasil).
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 10: a angústia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. (Coleção Campo freudiano no Brasil).
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 19: ... ou pior*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. (Coleção Campo freudiano no Brasil).
- LACAN, Jacques. Conferência de 24 de novembro de 1975. In: DENEZ, Frederico; VOLACO, Gustavo Capobianco. (Org). *Lacan in North Armorica*. Trad. Frederico Denez e Gustavo Capobianco Volaco. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.
- LACAN, Jacques. *Le séminaire, livre XXII: RSI (1974-1975)*. Inédito.
- ZIZEK, S. Como Marx inventou o sintoma? In: Zizek, S. (Org). *Um mapa da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.